

EDITORIAL / EDITORIAL

A via rápida para o fim da pandemia da SIDA

/ Dra. Teresa Branco
Presidente da APECS

Passados mais de 30 anos sobre o início da epidemia, a infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) continua a ser um dos principais flagelos da Humanidade, afetando cerca de 40 milhões de pessoas em todo o mundo e sendo responsável por mais de um milhão de mortes por ano.

Muitos de nós vivenciámos os rápidos avanços científicos e tecnológicos no campo do tratamento, que permitem atualmente uma eficácia superior a 95% no controlo da infeção.

Em 2015, a Organização Mundial de Saúde, reconhecendo a importância e o impacto destes resultados, recomendou a disponibilização da terapêutica antirretroviral a todos os indivíduos infetados por VIH, independentemente do seu estado imunológico, impulsionando assim o retorno à era do tratamento para todos.

Os benefícios desta estratégia foram demonstrados por grandes estudos recentes, tanto ao nível individual, com redução da morbilidade e mortalidade associada à introdução precoce do tratamento, como ao nível epidemiológico, com uma eficácia superior a 96% na redução do risco de transmissão da infeção, desde que seja mantida a supressão virológica.

Convém, no entanto, recordar que a extraordinária eficácia da terapêutica antirretroviral e a política de tratamento para todos os infetados, sendo fatores essenciais para a luta global contra o VIH, são apenas uma base para que se possa atingir o objetivo maior, que é o de erradicar a pandemia.

Recentemente a UNAIDS propôs três objetivos conhecidos como 90-90-90. Estes objetivos consistem em: que até ao ano 2020, 90% de todas as pessoas infetadas tenham conhecimento da sua infeção, que 90% destas pessoas estejam sob terapêutica antirretroviral e que 90% destas pessoas tenham atingido a supressão virológica. Os modelos matemáticos desenvolvidos sugerem que, se estes três patamares forem alcançados poderemos, em 2030, atingir o fim da pandemia da sida.

Quando falamos em diagnóstico, a abordagem deve ser adequada ao tipo de epidemia. O rastreio universal com início imediato do tratamento tem sido utilizado em países com epidemia generalizada. O "Test and Treat" é uma estratégia que demonstra benefícios neste tipo de cenário. Noutros cenários, restringir o rastreio às áreas de maior prevalência e onde ocorre o maior número de novos casos será o mais indicado. Em todas as situações, é necessário manter outras medidas de prevenção para reduzir os novos casos de infeção, desde as medidas básicas de proteção individual, como o preservativo ou a circuncisão masculina, à utilização mais recente de PrEP (profilaxia pré-exposição) em que antirretrovirais são utilizados pelos indivíduos em risco, de modo a evitar a infeção.

Se o diagnóstico, e preferencialmente o diagnóstico precoce, das pessoas infetadas é importante, a sua rápida, eficaz e duradora ligação aos cuidados de saúde é um dos patamares mais difíceis de atingir, na cascata de cuidados da infeção por VIH.

A capacidade de ligação e retenção em tratamento é talvez um dos mais importantes parâmetros de eficácia das unidades de tratamento da infeção VIH em ambulatório. A flexibilização de respostas, a redução de barreiras, o controlo ativo e a recuperação das perdas de seguimento exigem, na maior parte dos casos, uma mudança de atitude e uma reestruturação da organização na prestação de cuidados de saúde. É, no entanto, uma resposta que seguramente conduzirá a uma melhoria da saúde, individual e pública.

Sendo a infeção por VIH mais uma doença crónica, não é exatamente como as outras. O estigma e a discriminação a ela associados continuam a ser fatores constantes, cuja eliminação é essencial.

Enquanto a cura da infeção é a meta ambicionada mas ainda incerta, a possibilidade de acabar com a pandemia da sida parece uma realidade ao nosso alcance. Para o conseguirmos não temos uma fórmula milagrosa. Precisamos de utilizar, de forma concertada, todas as medidas que a investigação científica colocou à nossa disposição, envolver governos nacionais, organizações internacionais e sociedade civil. É importante manter o empenhamento político e o financiamento necessário à sustentabilidade da luta contra o VIH.

Tudo isto é importante, porque queremos deixar a próxima geração livre de sida.